

15

**A LITERATURA COMO DISPOSITIVO ANTROPOCÊNICO:
CONSIDERAÇÕES ACERCA DO PROCESSO
CRIATIVO EM *CORPOS SECOS*, *A EXTINÇÃO DAS
ABELHAS* E *PERFEITA TECNOLOGIA*,
DE NATALIA BORGES POLESSO¹**

Natalia Borges Polesso

Natalia Borges Polesso

Pós-doutoranda em Literatura, Escrita Criativa, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

Doutora em Letras, Teoria da Literatura, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), 2017.

Coordenadora com bolsa de pós-doutorado junior na Pesquisa Atlas do antropoceno: perspectivas de inovação teórico-críticas em escrita criativa em interface com as humanidades digitais. Projeto de pós-doutorado júnior programa de apoio à fixação de jovens doutores no Brasil. Edital FAPERGS/CNPQ 07/2022.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2332633259643911>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7618-1288>.

E-mail: nbpoless@gmail.com.

Resumo: O presente ensaio tenta delinear e fazer considerações a cerca do processo criativo e das questões estéticas, sociais e políticas que motivaram a escrita de três obras de ficção de minha autoria, cujos temas são ecologia e o Antropoceno, bem como

1 Título em língua estrangeira: "Literature as an anthropocenic device: considerations about the creative process in *Corpos secos*, *a extinção das abelhas* and *Perfeita tecnologia*, by Natalia Borges Polesso".

seus debates adjacentes. As narrativas apresentadas são dois romances, *Corpos Secos* (2020) e *A extinção das abelhas* (2021) e o conto *Perfeita tecnologia* (2021). Para tanto, proponho um diálogo, no campo da ecologia, com o pensamento teórico-crítico de Donna Haraway (2023), Timothy Morton (2023), Ailton Krenak (2019; 2022), Carola Saavedra (2021), Amitav Gosh (2022), Malcon Ferdinand (2022) e Antonio Bispo dos Santos (2023), bem como o debate sobre a noção de dispositivo em Foucault (2006) e Agamben (2009; 2018).

Palavras-chave: Antropoceno. Ecologia. Dispositivo. Ficção contemporânea. Processo criativo.

Abstract: This essay tries to outline and make considerations about the creative process and the aesthetic, social and political issues that motivated the writing of three works of fiction by me, which the themes are ecology and the Anthropocene and its adjacent discussions. The narratives presented are two novels, *Corpos Secos* (2020) and *A Extinção das Abelhas* (2021) and the short story *Perfect technology* (2021). Therefore, I propose a dialogue, in the ecological field, with the theoretical-critical thinking of Donna Haraway (2023), Timothy Morton (2023), Ailton Krenak (2019; 2022), Carola Saavedra (2021), Amitav Gosh (2022), Malcon Ferdinand (2022) and Antonio Bispo dos Santos (2023), as well as the debate of the notion of device in Foucault (2006) and Agamben (2009; 2018).

Keywords: Anthropocene. Ecology. Dispositive. Contemporary fiction. Creative process.

“Se ao menos pudéssemos contar com artistas engenhosas para projetar nossos pombais, nossos lares e nossas bolsas de mensageiro! Se ao menos tivéssemos o sentido cartográfico para navegar em tempos e lugares conturbados!”

Donna Haraway

1. DISPOSITIVO

Tensões e demandas político-sociais nos afetam o tempo todo, seja no campo das opressões ideológicas ou da materialidade. Como a literatura tem lidado com as narrativas catastrofistas de fim-do-mundo? De que maneira a literatura tem imaginado a vida das pessoas nesta crise que muito além de climática é política e democrática? Apesar de o mundo estar em ruínas, eu creio que é possível imaginar existências humanas e não-humanas que participam do fim do mundo com alegria e terror. Nesse sentido, penso que a ideia de dispositivo presente nos pensamentos de Foucault e Agamben pode nos ajudar a entender a produção literária como um modo para melhor compreender e se relacionar com as tensões desse mundo em colapso. Para Foucault, um dispositivo é uma prática (discursiva e não-discursiva), um arranjo de poder que pode ser expresso em atitudes, falas ou teorias.

Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos. [...], entendendo dispositivo como um tipo de formação que, em um determinado momento histórico, teve como função principal responder a uma urgência. O dispositivo tem, portanto, uma função estratégica dominante. (FOUCAULT, 2006, p. 244)

Mais adiante, o teórico resume com “estratégias de relações de força sustentando tipos de saber e sendo sustentadas por eles” (FOUCAULT, 2006, p. 246). Uma função estratégica, a resposta a uma urgência, Agamben, em *O fogo e o relato* (2018), retomando uma conferência de Deleuze, diz que o ato de criação é um ato de resistência à morte e ao paradigma da informação,

resistir libera uma potência de vida. A metáfora da rede está de algum modo presente em diversos teóricos do antropoceno, que veremos a seguir.

Agamben, em *O que é um dispositivo?* (2009), ainda amplia e explica um tanto mais o dispositivo foucaultiano chamando-o de conjunto heterogêneo em que estariam contidos discursos, instituições, edifícios, leis, medidas de segurança, proposições filosóficas e por aí vai.

Os dispositivos são precisamente o que na estratégia foucaultiana toma o lugar dos universais: não simplesmente esta ou aquela medida de segurança, esta ou aquela tecnologia do poder, e nem mesmo uma maioria obtida por abstrações: antes, práticas e mecanismos (ao mesmo tempo linguísticos e não-linguísticos, jurídicos, técnicos e militares) que têm o objetivo de fazer frente a uma urgência e de obter um efeito mais ou menos imediato. (AGAMBEN, 2009, p. 33-34)

Entre os seres viventes e os dispositivos estão os sujeitos, dentre eles a pessoa escritora e a pessoa leitora, numa relação de troca e de poder, onde a pessoa escritora se responsabiliza pelo ato de criação de uma espécie de dispositivo, uma potência que estará no mundo, fazendo e refazendo mundos por meio da leitura e da disseminação do pensamento e do discurso que a obra instaura.

2. PROCESSO CRIATIVO

Entre 2013 e 2016, o Brasil passou por diversas instabilidades político-sociais, desde as manifestações do Movimento do Passe Livre (MPL), advindas dos núcleos do movimento social por transporte gratuito, o que ficou conhecido como *Jornadas de*

*Junho*², passando por sua cooptação, por movimentos de direita e nomeadamente pelo Movimento Brasil Livre (MBL). Mais tarde, após o pleito que elegeu Dilma Roussef para o seu segundo mandato, a reclamação do candidato derrotado e a subsequente movida da câmara e do senado para aprovar um pedido que culminaria na realização do impeachment da presidenta — destacado com o monstruoso voto de Jair Bolsonaro, homenageando Ustra — e sua substituição por Michel Temer, o vice. Grosso modo, esses eventos e suas tensões provocaram em mim algumas muitas perguntas e alguma curiosidade, foi contra essa morte que decidi criar.

A primeira curiosidade veio por meio de notícias das redes sociais. Neste período, final de 2016 e início de 2017, marcado por uma grande mudança no uso da internet e das redes sociais³, comecei a coletar notícias, especialmente das políticas do novo governo. Com a Operação-Lava-a-jato ainda acontecendo, o então presidente parecia querer marcar diferenças entre a sua administração e a da ex-presidenta, a começar pelos novos ministérios, depois o polêmico teto de gastos, a extinção do ministério da cultura, o desmonte da ANCINE, as reformas trabalhista e previdenciária e o início do caos ministerial. Em meio a isso, comecei a escrever um livro com duas personagens, mãe e filha, que passavam por um Brasil conturbado, rumando para a precarização. Uma das personagens era uma acadêmica

2 ESPÍRITO SANTO, M.O.; DINIZ, E.H.; RIBEIRO, M.M. Movimento passe livre e as manifestações de 2013: a internet nas jornadas de junho. In: PINHO, J.A.G. (Ed.). *Artefatos digitais para mobilização da sociedade civil: perspectivas para avanço da democracia*. Salvador: EDUFBA, p. 141-167, 2016. [online]. Disponível em: <https://doi.org/10.7476/9788523218775.0008>. Acesso em: 17 dez. 2023.

3 Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/noticia/2023/06/protostos-de-junho-de-2013-marcam-mudanca-nas-redes-sociais-com-aumento-da-polarizacao-e-nova-articulacao-da-direita.ghtml>. Acesso em 17 dez. 2023.

e se preparava para fazer uma conferência em um evento de sociologia, falaria da destruição da cultura. Segui escrevendo, desenvolvendo as personagens, até que fui atravessada pela seguinte notícia: quase meio bilhão de abelhas teriam aparecido mortas no sul do país. Colmeias inteiras. Num arquivo antigo do livro *A extinção das abelhas*, com o nome de “notas para a parte 2”, encontro o seguinte trecho:

Em três meses, de dezembro de 2018 a fevereiro de 2019, mais de quinhentos milhões de abelhas foram encontradas mortas por apicultores apenas em quatro estados brasileiros, segundo levantamento da Agência Pública e Repórter Brasil. Foram 400 milhões no Rio Grande do Sul, sete milhões em São Paulo, cinquenta milhões em Santa Catarina e quarenta e cinco milhões em Mato Grosso do Sul, segundo estimativas de Associações de apicultura, secretarias de Agricultura e pesquisas realizadas por universidades. (POLESSO, s.p.)

No arquivo, composto de centenas de colagens de post pessoais, notícias e trechos de reportagens com e sem referências, que serviriam de composição para o mundo das personagens, há algumas alterações dos textos e a essa altura já não sei o que é 100% cópia ou reinvenção. Contudo, tive o cuidado de deixar alguns links⁴ para quem sabe uma busca futura, como essa que estou fazendo no momento da escrita desse ensaio. Depois disso, encontrei o anúncio de uma série de reportagens⁵ que creio não ter

4 FREITAS, Araújo Jéssica. Efeitos isolados e combinados dos inseticidas Fipronil e Tiametoxam para a abelha brasileira *Melipona scutellaris* Latreille, 1811 (Hymenoptera, Apidae), 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/9639>. Acesso em: 19 dez. 2023.

5 Disponível em: <https://mst.org.br/2016/04/27/chuva-de-veneno-mata-abelhas-e-destroi-producao-de-mel-no-interior-do-rs/>. Acesso em: 19 dez. 2023.

acontecido como anunciada, chamada “Tem veneno no seu mel”, que dava responsabilidade das mortes de abelha e do veneno no mel, ao uso de agrotóxicos. Nesta reportagem, datada de 2016, li que sem abelhas haveria prejuízo não só na produção de mel, mas em toda a produção agrícola e vegetal, o que comprometeria de maneira grave a vida em geral. Fiquei com essa informação, esse era o meu dispositivo: a extinção das abelhas é a extinção da vida na terra.

Comecei a seguir os boletins governamentais, hoje atualizados⁶, e aqui resumirei os dados. Em 2016 houve a liberação de 277 agrotóxicos, no ano seguinte foram 404 novos venenos, em 2018, 449 registros foram realizados. E, a título de curiosidade, segundo dados oficiais, entre 2019 e 2022, foram liberados 2.182 produtos agrotóxicos. Neste dia, eu soube sobre o que seria *A extinção das abelhas*.

Apesar de, neste relato, o tempo parecer linear, e eu ainda poder me basear nas minhas anotações em cadernos e arquivos, a verdade é que num processo criativo de escrita de livro, há muitos saltos, idas e vindas ao texto, e o mais importante (ao menos para essa narrativa): pausas. Quando eu soube precisamente que eu queria escrever sobre o colapso ambiental, afetivo e das instituições, precisei dar um tempo e me afastar do que já tinha pronto. Precisava de tempo para fermentações, para decomposições imaginativas. Logo depois dessa decisão, fui convidada para participar de um projeto coletivo de escrita que viria a se chamar *Corpos Secos*.

Luisa Geisler, Marcelo Ferroni, Samir Machado de Machado e eu escrevemos *Corpos Secos* a oito mãos (dez, com as da nossa

6 Disponíveis em: <https://www.gov.br/anvisa/pt-br/assuntos/agrotoxicos>. Acesso em: 25 fev. 2024.

editora, Luara França, que teve um papel essencial na organização e preparação do texto), on-line, entre setembro de 2018 e novembro de 2019. Durante a jornada de escrita, nas nossas poucas reuniões para decidir como seria o mundo pós-apocalíptico que construiríamos para as nossas personagens, sentimos o peso da consolidação do bolsonarismo. O clima era mais do que tenso, era algo lúgubre, enterrávamos sonhos ainda sem saber direito sobre isso. Penso que levamos essa atmosfera para a nossa distopia, começava aí a formulação do dispositivo. Do que fugiriam nossas personagens? De uma tropa de seres mortos por dentro, autômatos e irracionais. Era fácil fazer a conexão com a horda bolsonarista durante a campanha pré-eleição. De minha parte, criei uma família supostamente tradicional no modelo cishetero, mas já apartada e os gêmeos Constância e Conrado. As personagens são pegadas de surpresa pelo “apocalipse zumbi” e Constância é levada pelas demandas e tensões sociais e da família. Juntas, irmão e irmã partem para a casa da mãe, Dona Carmen, que acaba sendo uma personagem bastante carismática (para as pessoas leitoras) e que encarna um pouco de credices populares e teorias conspiratórias, um elemento cômico, entre seus filhos melancólicos.

Para o novo livro, eu trouxe algumas questões que estavam “penduradas” em *A extinção das abelhas*. Ali estávamos trabalhando juntos em uma distopia mais evidente — eu não sabia se o que eu escreveria em *A extinção das abelhas* era mesmo uma distopia, e hoje sei que não é, para mim é um livro de realismo especulativo — uma epidemia de mortos-vivos, a causa seria o uso descontrolado de agrotóxicos, em forma de uma lagarta de controle de pragas, que desencadearia uma doença. Então, para

mim, era preciso que algumas personagens fossem do interior. No meu caso, Constância e Conrado tocavam uma pequena vinícola na serra gaúcha com o pai, além disso, existiria uma agência, a Agrotech, que pra mim, seria a materialização do Agro em um órgão. Esses elementos se repetem em *A extinção das abelhas*.

Corpos Secos foi o primeiro livro da Alfaguara, selo da Companhia das Letras, a ser lançado durante a pandemia, saiu em maio de 2020. *A extinção das abelhas* saiu em julho de 2021, mas entreguei em fevereiro de 2020, dias antes da pandemia de COVID-19 ser oficializada, digamos assim. O livro ficou quase um ano parado na editora, o que não é tão incomum, visto que quando entregamos um livro, é normal que ele demore de seis a oito meses até que terminem os processos de edição, preparação, revisão, capa, etc.

Entre a entrega e a publicação, nos primeiros meses de 2021, num contexto de descrédito das ciências, campanhas anti-vacinação, má gestão da pandemia, mortes e mortes ainda em crescimento, recebo um convite do Suplemento Pernambuco para escrever um conto motivado por uma pesquisa do Instituto Serrapilheira, a coletânea se chamava Botão Vermelho⁷ e estava em sua segunda temporada. A curadora do projeto, a editora Carol Almeida, me ofereceu a pesquisa da bióloga Cecilia Siliansky de Andreazzi, intitulada, *Ecologia de meta-comunidades de doenças: movendo do efeito diluidor para paisagens diluidoras*⁸, um projeto que se perguntava se poderíamos prever de onde viria a próxima

7 <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/viver/2020/07/suplemento-pernambuco-e-serrapilheira-lancam-o-projeto-inspirado-em-pe.html>. Acesso em: 19 dez. 2023.

8 <https://serrapilheira.org/projetos/ecologia-de-meta-comunidades-de-doencas-movendo-do-efeito-diluidor-para-paisagens-diluidoras/>. Acesso em: 19 dez. 2023.

pandemia. E que trazia a indicação da existência de uma relação entre a emergência de doenças infecciosas e alterações na estrutura da paisagem provocadas pela exploração de recursos naturais e perda da biodiversidade. Surge neste contexto *Perfeita tecnologia*, um conto de horror, de certo modo até meio *gore*, com uma ideia de narrador que eu não tinha conseguido concretizar muito bem no livro das abelhas e que tinha ensaiado em um capítulo de *Corpos Secos*, em que o narrador é um corpo-seco: o narrador não-humano.

Em *Perfeita tecnologia*, eu quis explorar a ideia de um narrador simpoietico. Na ideia de Donna Haraway

Simpoiese é uma palavra apropriada para designar sistemas complexos, dinâmicos, responsivos, situados e históricos. Ela descreve a mundificação conjunta, em companhia. A simpoiese envolve a autoipoiese, desdobrando-se e explandindo-a de maneira generativa. (HARAWAY, 2023, p. 119)

Ela exemplifica a simpoiese com um quadro chamado *Endossimbiose*, exposto no departamento de biologia na Universidade de Massachusetts e, ao descrever o quadro fala de uma fome insaciável, de envolver-se mutuamente para construir o motor da vida e da morte na Terra e traz a ideia de *holobiontes*. Isto é, seres unidos por contingência, para os quais a ideia de indivíduo deixa de fazer sentido. Isso significa, pensar a criação de um narrador que me permitisse fabulações especulativas, a partir de fatos científicos (SFs), numa produção interconectada, em rede. O conto em si é em terceira pessoa e tem esse narrador mais que intruso, digamos. Tudo começa quando Heloísa, a personagem principal, uma senhora, resolve

se mudar para Sorriso/MT, cidade conhecida por ser a capital do agronegócio, para ir morar numa comunidade de velhes.

Quando Heloísa resolveu se mudar para o meio do nada teve certeza de que a ideia era boa e era *sua*. [...] Imagens paradisíaca de trilhas, cachoeiras e jardins em cores ultra impossíveis e alta definição, tudo isso no meio de uma cidade tranquila e hospitaleira, no meio do Brasil, perto de onde ela tinha passado naquele mesmo ano, um pouco antes. Tudo se encaixou. [...] Encadeou os adjetivos naturais como argumento. Vai, conte a eles, Heloísa. E ela contou.

— Mas mãe, tem certeza? Sorriso? Mato Grosso?
— disse o mais velho.

— Comunidade de velhos? — disse o mais novo.

— De velhes — ela corrigiu.

— Que seja. Lá não é a capital brasileira do agronegócio? Só tem campo de soja, gado e bolsonarista praqueles lados, se bem que não tem muita diferença. (POLESSO, 2021, p. 24)

Mais a diante na narrativa, a pessoa leitora descobre que o narrador é em parte um inseto que está fazendo Heloísa e outros idosos de hospedeiros. O horror da descoberta acontece apenas no final, de modo que somos levados pela história, pelo ponto de vista de seres em profunda relação simpoietica.

Assim, nessas narrativas de apresento, são três vezes em que elementos insetos que, ao sofrer uma intervenção humana, um incômodo ecológico, isto é, na lógica de seu habitar, provocam reações de desarranjo; são três vezes em que o agro, que as monoculturas em escala, causam esse desarranjo no mundo. O equilíbrio da terra é movimento tênue das figuras de barbante, as *string figures*, de que fala Donna Haraway. É nesse movimento de

fabulação especulativa, que vai do discurso, das tensões sociais e políticas às formulações ficcionais que se instalam os dispositivos ecológicos ou antropocênicos. Esses elementos são compreendidos aqui como redes ou tramas de elementos que constroem sentidos mais amplos para além da história. A narrativa e o dispositivo se enredam, se embaraçam e é sobre isso que discutirei a seguir.

3. O ANTROPOCENO NO CENTRO DO PENSAMENTO OU DESCENTRALIZAR O HUMANO

Primeiramente é bom que se diga que, como toda e qualquer categoria, Antropoceno não é apenas uma hipótese científica, é um termo em disputa. Em seguida, retomo essa ideia, agora adianto que em 2016, quando comecei a escrever *A extinção das abelhas*, me deparei com o termo *Antropoceno* e descobri que era o nome para a nova era geológica em que estamos, a que vem depois do Holoceno. Descobri meio sem entender direito. Não é um termo oficial, mas tudo indica que assim será, fiquei pensativa e, desde então, fui lendo sobre o assunto, no início, bem displicentemente, mas a curiosidade investigativa sobre o tema me trouxe ao meu atual projeto de pós-doutorado, na PUCRS, com fomento do CNPq e da FAPERGS.

O termo Antropoceno revela que a humanidade é o maior agente de transformação geológica do planeta, neste momento. Nós, o *Antropo*, os seres humanos, criamos uma ruptura no planeta Terra, que não tem precedentes e por causa disso não sabemos sobre os rumos do planeta. A configuração do futuro ficou um tanto borrada e o que se pode prever não é bom. Crise climática, crise de refugiados climáticos e políticos, ansiedade climática, o adjetivo “climático”

têm povoado os nossos lares, as universidades, as notícias, os consultórios, tudo. A mudança que supostamente *nós* causamos é irreversível, o que faz do Antropoceno um deslocamento radical de percepção do mundo. Essas informações vêm se consolidando numa espécie de consciência social, não necessariamente propositiva, mas que de alguma forma compreende o cenário. Porém, as respostas sociais, políticas e até pessoais sobre esse fato são diversas e imprevisíveis. Essas informações se plasmaram em mim, como se um narrador catastrófico assumisse o controle dos meus pensamentos e dali por diante, mesmo não querendo, essa lente *antropocênica* passou a existir no meu modo de olhar o mundo e, por consequência, na minha ficção e produção teórica, como um dispositivo.

Obviamente, esse *nós*-humano a quem se atribui a catástrofe não é homogêneo e essas transformações que ganham o nome de Antropoceno não são “do agora”. Esse é outro ponto em que não existe consenso teórico: quando começa o antropoceno? Qual é a humanidade implicada? Paul Crutzen e Eugene Stoermer, os pesquisadores que cunharam o termo, dizem que o marco do Antropoceno é a revolução industrial, o estabelecimento do capitalismo, mas há quem diga, por exemplo, que são os experimentos nucleares. Por isso também há quem enxergue outros nomes para o Antropoceno, tais como, Capitaloceno, Plantationceno, Negroceno, Chtuloceno, entre outros. Porque de fato é injusto dizer que a humanidade, de modo generalizante, como uma massa homogênea de poderes, é quem produz (e consome) esse mundo em que estamos, sendo que historicamente muito dessa humanidade genérica contida no termo foi alienada do mundo.

Pela centralidade que o tema tomou na minha vida, logo entendi que era preciso pensar o Antropoceno de modo crítico, pois, como é sempre necessário, categorias e grandes narrativas devem ser colocadas sob suspeita e em perspectiva. Na minha visão, para pensar e compreender o Antropoceno é preciso olhar para o mundo com o olhar localizado, mas não fixo, a partir de outras culturas, cosmovisões e perspectivas humanas e não-humanas, mas não do ponto de vista do exótico. Por exemplo, há uma corrente de teóricos, da qual sou partidária, que pensa os processos de invasão e colonização das Américas e do Caribe ou de Abya Yala, como marcador inicial do Antropoceno. Localizar esse evento como marcador inicial significa pensar no sequestro de pessoas da África, na produção de um grande e contínuo trauma, significa pensar em genocídio de povos originários de Abya Yala, significa pensar em enormes mudanças de biomas e na formação de uma estrutura de *plantation* (com casa-grande, engenho e senzala) como uma engenharia de paisagem (humana e não-humana) que instaura um habitar novo. Malcom Ferdinand (2022) vai chamar esse processo de habitar colonial do mundo.

Habitar a Terra começa nas relações com os outros. Assim, o habitar colonial designa uma concepção singular da existência de certos humanos sobre a Terra — os colonizadores —, e de suas relações com os outros humanos — não colonizadores —, assim como de suas maneiras de se reportar à natureza e aos não humanos dessas ilhas. Esse habitar colonial contém princípios, fundamentos e formas. (FERDINAND, 2022, p. 48)

Pensar dessa forma convoca mesmo a um engajamento radical com a realidade e suas (e nossas) contradições. Eu penso que isso seria mais ou menos o que Donna Haraway (2023) descreve como

response-ability, uma capacidade de resposta frente ao que se apresenta, uma resposta responsável, ética, que, como mencionei no início, não deixa de vir com alegria e terror. Uma resposta que está consciente dos processos que modificaram para sempre nossas vidas, especialmente nas américas e África. Isto é, se estamos habitando o mundo no modelo colonial, com a mente colonial, precisamos estar conscientes dessas práticas de pensamento, dessas lógicas e ir contra elas urgentemente, isso inclui modos de narrar o mundo ou os mundos possíveis e ficcionais e não ficcionais.

Nesse sentido, Donna Haraway faz uma contribuição imensa quando, em sua pesquisa, desvela seu modo de pensar em SFs (*scientific fact*), fato científico e seus vários desdobramentos em fabulações especulativas, feminismo especulativo, figuras de barbante, entre outras (*Speculative Fiction, Speculative Feminism, String Figures*).

Transmissões, revezamentos, figuras de barbante, passar padrões adiante em idas e vindas, dar e receber, modelar padrões, sustentar o padrão que não foi solicitado nas próprias mãos, responsabilidade... tudo isso é crucial ao que entendo por “ficar com o problema” em mundos seriamente multiespécies. Devir-com, e não simplesmente devir, é a regra do jogo. (HARAWAY, 2023, p. 28)

Então, eu entendo que a invasão das Américas leva o mundo a um habitar colonial, e esse habitar leva às outras consequências aventadas como pontos de partida. O habitar colonial, no pensamento de Ferdinand (2022), é uma engenharia ecológica das paisagens da Terra em *plantations*, beneficiando colonizadores europeus, e gerando em última análise o que se chama de imperialismo (ecológico, socioeconômico, político), que subjugou humanos e não humanos

a essa estrutura (as *plantations*); e que gera de modo igualmente pernicioso um imperialismo *ontológico*, ou seja, a imposição de uma concepção singular do que são a Terra e seus existentes. Além de ter colaborado fundamentalmente para a ideia de raça e de racismo que, como disse Cedric Robinson, no livro *Black Marxism* (1984), não nasce com as invasões, mas escala nessa travessia, com o modo de exploração predatória que estabelece. Além disso, o habitar colonial teve como consequência o desaparecimento de relação particular de cada povo ou ente com a terra e o surgimento de uma relação de exploração massificada e imposta. Isto é, um novo modo de habitar, e principalmente de compreender e se relacionar o mundo. O Antropoceno é uma narrativa que não vem de agora e que gera um modo arruinado e binário de habitar, quem não explora é explorado e a exploração vai até o exaurimento do lugar e de seus entes. A ruína está atrelada ao Antropoceno. Hoje habitamos as ruínas do passado. O que mais podemos fazer senão pensarmos outros pensamentos? Ter a responsabilidade das associações e assembleias no devir com outras para criar narrativas políticas, sociais, científicas que reparem e permitam outros modos de habitar; bem como criar fabulações especulativas e realismos especulativos que nos ajudem a pensar mundos ainda possíveis, mundos que já estão e sempre estiveram nessas ruínas?

4. A LITERATURA COMO DISPOSITIVO ANTROPOCÊNICO

Em seu brilhante livro *O mundo desdobrável, ensaios para depois do fim*, Carola Saavedra lança mão de perguntas que me servem de guia para pensar estética e tematicamente sobre as imagens do Antropoceno.

O que pode a literatura? Que horizontes ela é capaz de alcançar? Ou, mais especificamente, o que pode a literatura em um mundo em colapso, assombrado pelo aquecimento global, por pandemias, ascensão da extrema-direita, aumento da miséria, entre outras tragédias? (SAAVEDRA, 2022, p. 9)

Quando li o referido livro, já tinha escrito as três narrativas que mencionei aqui. Percebi então que essa era uma ideia fundamental para mim, ainda que não estivesse teoricamente organizada, os mistérios do ofício da literatura já operavam. E eu acredito em técnica, no ofício da escrita, mas também acredito no mistério. Essa parte em que a gente se conecta, se relaciona com as coisas do mundo. Eu escrevo com questões. Escrevo com formulações das minhas questões para o mundo e com o mundo. Por vezes, encontro respostas, por vezes encontro mais perguntas e às vezes calha de serem as mesmas perguntas ou respostas que as pessoas leitoras estão buscando. A curiosidade e o mistério são parte ativa desse processo. Pois então, se o antropoceno produz e nos instala na ruína, o que podemos fazer?

Timothy Morton, em *O pensamento ecológico* (2023)⁹ trabalha com o conceito de *mesh*, traduzido como malha (eu o li primeiro em inglês e sempre pensei que fazia mais sentido *trama*, justamente por sua ambiguidade, mas parece que não é o caso). Isso significa dizer que nossas vidas e, portanto, nossa imaginação, estão enredadas a esse sistema mundo, como em uma malha ou trama, a esse habitar colonial, a esse modo de pensar. Estabelecemos relações

9 Antes de iniciar essa discussão, quero dizer que apesar de citar os livros com os anos de publicação bastante recentes no Brasil, o que é sintomático de um interesse editorial e do público também recentes, eu já acompanhava Morton, Haraway, Ferdinand e outros há bastante tempo.

com todos os seres e modos de vida, seres ditos humanos e não humanos e é difícil desarticular essa lógica, principalmente porque ela é uma ideologia. Nesse sentido, imaginar mundos além desse mundo se torna um exercício de sobrevivência, de alteridade, um exercício dessa relação contra-ideológica, em última análise, uma produção de vida frente a um mundo de morte, uma produção de outros mundos possíveis. A literatura assim pode (ou precisa) se pensar *na trama* (ou na malha).

Donna Haraway traz vários elementos interessantes para pensar na trama e um deles são as *string figures* ou figuras de barbante, já mencionadas aqui e todas as outras “SFs”. As *string figures* são o que também chamamos de “cama de gato”, aquela brincadeira de mãos e barbantes, que nas trocas vão configurando outros desenhos de fios. Para que a brincadeira dê certo, é preciso haver alguma coletividade, alguma troca. Não é possível que as composições aconteçam sem esse movimento de mãos e trocas. Isso quer dizer que não escrevemos sozinhas, apesar de essa ser uma imagem recorrente sobre pessoas escritoras. A possibilidade de existência dessas trocas e relações no mundo e com o mundo, Donna Haraway (2023) nomeia de “práticas pedagógicas e performances cosmológicas” (p. 31). Assim, me associo ao que Haraway chama de Chtuluceno, um nome que diz respeito à uma aranha e também às dinâmicas de forças e poderes chthonicos em curso, das quais as pessoas são *uma* parte. Dar nome a narrativas e relações colaborativas, pensar arranjos multiespécies, de diversos poderes e forças tentaculares de toda a terra, o Chtuluceno emaranha-se com uma miríade de temporalidades e espacialidades e uma miríade de entidades e arranjos.

É nesse sentido que, nos processos de escrita daqueles textos e dos meus projetos atuais, venho tentando pensar quais literaturas têm pensado um pensamento ecológico. E se a minha literatura tem pensado um pensamento ecológico, de forma a se tornar um dispositivo antropocênico. Penso que foi a partir dessas tensões que tentei buscar compor imagens do antropoceno na minha ficção e que agora quero buscar destacar na literatura contemporânea, na minha pesquisa de pós-doutorado. Na minha ficção, especialmente em *Corpos secos* (2020) creio que uma das perguntas que latejava na minha cabeça, dado o contexto social e político, era *como um país acaba?* Já em *A extinção das abelhas* (2021) e *Perfeita tecnologia*, a pergunta era como, apesar de tudo, a vida continua? Hoje acho que os três tem as duas perguntas em comum, pois compreendo que podemos pensar em vida com amplitudes humanas e não-humanas e em morte para além da aniquilação.

Em novembro de 2023, fui a 35ª Bienal de São Paulo e me deparei com uma obra, intitulada *Outres*, de Dan Lie¹⁰, artista não-binária. Nesta obra, bastante grande, composta visualmente de flores, sementes, tecidos, vasos de terracota e outras matérias orgânicas, um odor peculiar tomava o espaço e tudo estava em permanente transformação. Dan diz que trabalha em parceria com outres, esses seres “além de humanas”, como ele os nomeia, no caso, fungos e bactérias. É esse conjunto não antropocêntrico que produz a obra constantemente. Ali, naquela decomposição está a composição. A morte não é aniquilação é uma *perfeita tecnologia*, digamos, e assim são as narrativas tentaculares que *pensam com*.

10 A obra pode ser vista nas páginas 104 e 105 do catálogo da 35ª Bienal. Disponível em: <https://35.bienal.org.br/publicacao/catalogo-35a-bienal-de-sao-paulo/>. Acesso em: 19 dez. 2023.

Antonio Bispo dos Santos, em *A terra dá, a terra quer* (2023), escreve um capítulo sobre cidade e cosmofobia. Nele, Bispo discorre sobre a relação das pessoas com a natureza, fala como as cidades são lugares sem natureza ou com uma natureza accidental. A cidade é um território arquitetado exclusivamente para os humanos, isto é, o que não é humano é excluído.

Os humanos excluíram todas as possibilidades de outras vidas na cidade. Qualquer outra vida que tenta existir na cidade é destruída. Se existe, é graças à força do orgânico, não porque os humanos queiram [...] Os humanos não se sentem como entes do ser animal. Essa desconexão é um efeito da cosmofobia. A cosmofobia é o medo, é uma doença que não tem cura, apenas imunidade. E qual é a imunização que nos protege da cosmofobia? A contracolônização. (BISPO DOS SANTOS, 2023, p. 11-12)

O pensamento contracolônial é imunização, um modo de enfrentar as lógicas assépticas que nos privam de pensar tentacularmente. Por isso, a criação pensante, a criação que se conecta à produção de um mundo contracolônial, pode se estabelecer como dispositivo para se relacionar com outros humanos e além de humanos. E, para além disso, essa potência de vida com suas falhas, excessos e complexidades é que nos solicita para a vida e mitiga talvez a nossa própria pulsão de morte, diante da catástrofe e da ruína. Não quero dizer aqui simplesmente que a literatura salva, pois não é uma relação simples. Mas a literatura faz pensar e pode sim mudar as relações estabelecidas e o olhar para certos paradigmas e narrativas.

5. DESATINOS FINAIS

No início do livro, *O grande desatino: mudanças climáticas e o impensável*, Amitav Ghosh (2022) faz uma série de considerações sobre a palavra *reconhecimento* e seu sentido, em resumo, ele diz que o reconhecimento acontece “quando um saber prévio lampeja diante de nós, promovendo uma mudança instantânea em nossa compreensão” (p. 11). Nesse sentido, reconhecer é estar atento a esses lampejos e eu diria também que elaborá-los em nossos processos de criação. No caso das mudanças climáticas, da crise climática, da ansiedade climática e tudo o que permeia nossas preocupações *eco-lógicas*, creio que mais do que estarmos atentos às notícias, pesquisas e hipóteses científicas do mundo, é necessário que direcionemos nosso olhar para as narrativas de fabulação científica, como pessoas leitoras e escritoras, em busca desses lampejos. Ghosh ainda faz uma consideração preciosa sobre os modos de narrar o contemporâneo no antropoceno:

Acabei reconhecendo que os desafios que as mudanças climáticas impõem ao escritor contemporâneo, embora específicos em alguns aspectos, se originam de um fenômeno mais abrangente e antigo: em última análise, derivam das formas e convenções literárias que moldaram a imaginação narrativa precisamente naquele período em que o acúmulo de carbono na atmosfera estava reescrevendo a Terra. [...] Quando o tema das mudanças climáticas, surge nessas publicações (resenhas de livros em grandes veículos midiáticos), quase sempre está ligado à não ficção; romances e contos raramente aparecem nesse horizonte. Na verdade, pode-se mesmo dizer que a ficção que trata das mudanças

climáticas não é, quase por definição, do tipo que os periódicos literários respeitados levam a sério: [...] É como se, na imaginação literária, as mudanças climáticas fossem de alguma forma semelhantes a extraterrestres ou viagens espaciais. (GHOSH, 2022, p. 13)

Penso que essa resistência às narrativas contemporâneas que falam sobre ecologia, antropoceno e o clima, vem se desfazendo lentamente, mas está longe do ideal e talvez isso explique a nossa relação com as mudanças e a crise climática. Talvez na desatenção a esses lampejos de reconhecimento resida o negacionismo, a falta de preocupação, o desleixo com o planeta e seus seres. A literatura pode ser um dispositivo para promover uma mudança de pensamento quanto ao modo de habitar e fazer o mundo e isso não é simples ou utilitarista, como já mencionei. É um processo doloroso de estar consciente e de querer ficar com o problema. Eu, Natalia, quero, como diz Donna Haraway (2023), “ficar com o problema e a única maneira que conheço para fazê-lo é com alegria, terror e pensamento coletivo generativo” (p. 60). Esse é o meu modo de adiar o fim do mundo e colaborar com os sonhos para um presente melhor. O pensamento indígena, e aqui me refiro particularmente ao trabalho intelectual de reconhecimento entre povos, de Ailton Krenak, nos ensina que há muito tempo, existe a compreensão de que o futuro é ancestral. Muito provavelmente eu só recentemente pude compreender quase que literalmente essa frase, isso foi um reconhecimento.

Acredito que a literatura é um movimento orgânico, uma rede de fabulações em que se conectam, se encontram e se perdem em nós. Essas fabulações ao mesmo tempo particulares

e compartilhadas. E para responder as perguntas que fiz no início do presente ensaio, penso que a literatura tem lidado de múltiplas maneiras com as narrativas catastrofistas de fim-do-mundo. Há boas dezenas de autores como Daniel Galera, Joca Reiners Terron, Aline Valek, Samir Machado de Machado, Carola Saavedra, Michely Verunschik, Ana Rusche que tratam dos temas mais diretamente. Mas também há livros como o *Três tigres tortas* (2023), de Tatiana Nascimento, *Erva Brava* (2021), de Pauliny Tort, *Corpos Benzidos em metal pesado* (2022), de Pedro Augusto Baía, *O gosto amargo dos metais* (2022), de Prisca Augistoni, *Mata Doce* (2023), de Luciany Aparecida, que escapam de uma denominação fechada de livro-catástrofe, distopia, ficção científica, e adentram na seara do antropoceno e do fim do mundo pensando em outras nuances, tais como o racismo ambiental, trazendo outros elementos, nos proporcionando outros lampejos de reconhecimento. A literatura tem *sim* imaginado a vida das pessoas nesta crise que *sim* é climática, política e democrática há muito muito tempo.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo e outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2009.

AGAMBEN, Giorgio. *O fogo e o relato: ensaios sobre criação, escrita, arte e livros*. São Paulo: Boitempo, 2018.

BISPO DOS SANTOS, Antonio. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

FERDINAND, Malcom. *Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho*. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

HARAWAY, Donna. *Ficar com o problema: fazer parentes no Chthuluceno*. São Paulo: n-1 edições, 2023.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. *Futuro ancestral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

MORTON, Timothy. *O pensamento ecológico*. São Paulo: Quina Editora, 2023.

POLESSO, Natalia Borges. *A extinção das abelhas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

POLESSO, Natalia Borges. *Corpos secos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

POLESSO, Natalia Borges. Perfeita tecnologia. *Suplemento Pernambuco*. Pernambuco, n. 184, p. 24-25, 02 jun., 2021.

ROBINSON, Cedric. *Marxismo negro: a criação da tradição radical negra*. 3 ed. Editora Perspectiva, 2020.

SAAVEDRA, Carola. *O mundo desdobrável: ensaios para depois do fim*. Belo Horizonte: Relicário, 2021.